

(2014) **ÁLAMO OLIVEIRA, *MARTA DE JESUS – A VERDADEIRA.***

PONTA DELGADA, LETRAS LAVADAS EDIÇÕES.

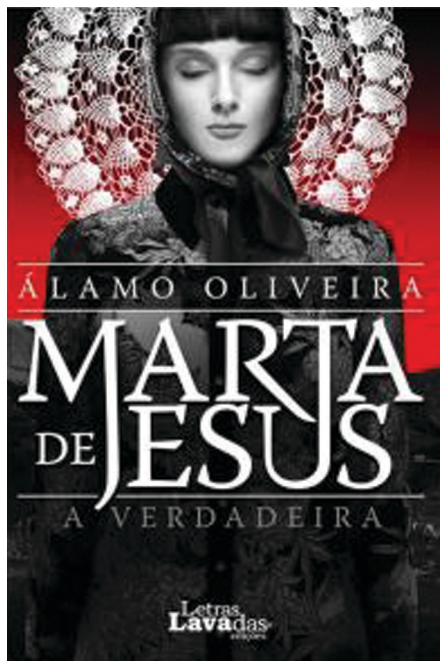
Urbano Bettencourt – CIERL-UMa. Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais-  
Universidade da Madeira, Funchal

Há na ficção narrativa de Álamo Oliveira dois procedimentos que me parecem significativos para o enquadramento e a compreensão prévia do seu romance *Marta de Jesus – a verdadeira*.

Em primeiro lugar (e esta ordenação obedece apenas a um critério de metodologia expositiva), a continuada configuração do espaço açoriano, de forma imediata ou, então, *distante*, naqueles casos em que, por razões diversas (a emigração, a guerra em África) as personagens se encontram afastadas do seu próprio território. Em segundo lugar, a procura de diversificação das suas estratégias narrativas e discursivas, entre a representação de pendor realista e a que exhibe os seus mecanismos, num jogo auto-reflexivo e irónico de questionamentos e distanciamentos.

*Marta de Jesus – a verdadeira* constitui-se sobre o pré-texto bíblico do Novo Testamento e a partir de um núcleo posto já em destaque no título. A epígrafe, que o autor colheu no evangelho de Lucas, assinala o comportamento e o perfil antitéticos das irmãs de Lázaro – Maria e Marta,

atribuindo a esta uma capacidade de acção e uma inquietação desconhecidas da primeira delas; o protagonismo de Marta relega a irmã para uma zona de penumbra e de alheamento no interior da narrativa e representa uma valorização da acção em detrimento da contemplação, o que traduz, desde logo, uma inversão do sentido bíblico originário. Transpondo para o univer-



so desta Marta o núcleo de seguidores do Emanuel bíblico (a mãe Maria Nazaré, Maria Madalena, o grupo dos apóstolos), recontextualizando-os temporalmente a partir de meados do século XX (mas prolongando-os até à década de 90) e situando-os no espaço mais ocidental da Europa, a ilha das Flores, Álvaro Oliveira constrói um romance cuja leitura obriga a um vaivém entre o explícito, contemporâneo, do primeiro plano e o implícito, remoto, do segundo plano (isto é, o subtexto evangélico), desafiando o leitor e jogando com as expectativas decorrentes do seu maior ou menor conhecimento bíblico.

A transposição de alguns episódios bíblicos para a segunda metade do século XX açoriano e português, entre eles o projecto messiânico de salvação política do país, representa desde logo uma condenação ao fracasso, porque esta não é uma narrativa *tocada* pela visão e pela perspectiva do milagre (aliás, a «réplica» de alguns milagres evangélicos converte-se num exercício irónico, pela explicação factual e empírica dos acontecimentos, denegando a sua pretensa dimensão transcendente; veja-se o caso das «bodas de Caná»). Além disso, e do ponto de vista histórico, uma libertação situada nesse período de tempo tornar-se-ia inverosímil (faltavam ainda 20 anos para que isso ocorresse, e não por via de qualquer «missão» salvífica, mas pela força das armas).

O mundo configurado em *Marta de Jesus – a verdadeira* é fundamentalmente o das Flores, um mundo rural em queda, social, económica, sem sinais de redenção à vista. E a utopia de transformação do país a partir desse espaço remoto não passa disso mesmo e acabará por tropeçar nas contingências do próprio tempo. A pretendida viagem de libertação rumo à capital é atalhada por intervenção brutal de um tribunal de excepção constituído à pressa na cidade da Horta para julgar os rebeldes. E mesmo que chegue a desembarcar em Lisboa, o grupo já estará decapitado do seu líder, Pedro terá desaparecido misteriosamente durante o julgamento e Judas já terá cortado os pulsos na Horta, à vista da ilha do Pico (o que sempre é uma forma de, graças à paisagem, suavizar o remorso de ter vendido o Mestre por 30 contos).

“Naquele tempo, não havia epílogos”, escreve o autor (p. 181). E se é verdade que, após a tentativa de intervenção na política portuguesa (uma espécie de golpe das Caldas com origem na placa tectónica americana), “a ilha das Flores nunca mais fora a mesma” (p. 178), ganhara visibilidade mediática (diríamos hoje), também é verdade que continuou a sangria migratória, Marta viu a ilha esvaziar-se em direcção a Oeste, obviamente, como sempre. “Daí para a frente, começaram a gerir a tristeza”

(p. 179) e nem mesmo as transformações decorrentes do golpe de abril de 74 e a instituição de um governo regional foram capazes de colocar as esperanças da ilha ao nível das suas expectativas.

Passada aquela espécie de erupção social, tudo voltou à rotina: “o grupo dos anos 60” foi-se desfazendo, em boa parte pelas américas de maior ou menor abundância. Dos outros, Pedro, libertado do Tarrafal em 1974 para onde, afinal, fora atirado, morre desencantado com a política, após a fracassada experiência com o partido que fundara; a morte de Marta desencadeia uma série de fenómenos cósmicos que anunciam o fim das coisas. Emanuel morre tranquilamente por obedecer excessivamente a uma ordem de João, o discípulo amado, que apenas o mandara dormir; o próprio João acabará internado na Casa de Saúde de S. Rafael, já depois de o governo regional ter mudado de partido. Podemos considerar *Marta de Jesus – a verdadeira* uma parábola sobre um tempo português e mais especificamente açoriano, cujos limites iniciais ficaram devidamente assinalados. O período configurado no livro de Álamo Oliveira é, efectivamente, assinalado por dinâmicas colectivas e sociais que muito devem a quem ousou sonhar outra coisa para o destino insular, num gesto de intervenção cívica e cultural que visava a

ultrapassagem do marasmo e do conformismo; por via diferida, *Marta de Jesus – a verdadeira* ficciona esses ensaios de transformação e também o seu fracasso, os bloqueios institucionais que se lhes antepuseram. Se *Marta de Jesus – a verdadeira* constitui uma espécie de balanço dos Açores dos anos 60, lidos à luz de hoje, então é um balanço cujo teor deceptivo e desencantado a ironia envolve num suave tom de melancolia: ao recusar o cinismo, o romance assinala, ainda assim, a consciência de que nem tudo se perdeu e de que, apesar das desilusões, o futuro foi o fruto dessas sementes lançadas ao chão insular num tempo ainda não preparado para recebê-las.

Para lá de tudo isso, o romance de Álamo Oliveira é também uma homenagem aos escritores florentinos em particular, porque, mesmo quando não totalmente compreendidos (pense-se na reacção de Madalena à leitura de *Almas Cativas* pelo filho), os livros são esses manuais de sobrevivência que ensinam a conviver com a solidão e a vencer o confinamento insular e as suas margens de água. Seja lá onde for, a literatura ensina a morrer, poderia dizer Marta citando Umberto Eco. E isso é ainda uma forma de organizar a relação do homem com o tempo e o espaço e com os outros. E de viver.

URBANO BETTENCOURT